

Os Batistas e o Movimento Ecumênico

Thurmon Earl Bryant

No dia 25 de abril de 1962 o Secretário Geral da Aliança Batista Mundial, Dr. Josef Nordenhaug, recebeu uma carta do Monsenhor J.G.M. Willebrands, Secretário do Secretariado do Vaticano para Promoção da União Cristã, indagando as possibilidades da Aliança Batista Mundial enviar um observador, se esta fôsse oficialmente convidada, ao Concílio Vaticano II. Tal carta foi notificada à Comissão Executiva da Aliança em sua assembléia na Noruega no dia 22 de agosto. A Comissão não chegou a um acôrdo de opinião e resolveu responder da sua impossibilidade de "estimular um convite oficial." Contudo, ela afirmou "às autoridades da Igreja Católica Romana das suas esperanças e orações que o próximo Concílio contribua à compreensão cada vez mais da vontade de Deus e da unidade de Seu povo."¹

A atitude revelada pela Comissão Executiva da Aliança Batista Mundial em face da indagação feita por Monsenhor Willebrand reflete o que tem sido de modo geral a posição tradicional dos batistas quanto aos movimentos ecumênicos. Nota-se que aquela

não foi a primeira vez que os batistas foram chamados para pronunciarem-se sôbre o assunto, e, certamente, não será a última. Também, observa-se que a nossa posição não declara de maneira nenhuma que o assunto não nos importa. Pelo contrário, os batistas no mundo inteiro revelam um vivo interesse ecumênico, quer seja católico ou evangélico. Além do mais, creio eu que os batistas têm uma grande contribuição a fazer ao Cristianismo Mundial através de nossas doutrinas, nossa liderança consagrada e capaz, nosso número, nossa técnica e nosso fervor evangélico. Cabe-nos nesta altura, quando os cristãos em tôda parte estão voltados para êste assunto, descobrir como podemos mais efetivamente fazer tal contribuição.

ECUMENISMO EM PERSPECTIVA

Antes de mostrar como os batistas têm reagido ao ecumenismo através dos anos e antes de sugerir alguns princípios que servem como diretrizes ao tomarmos a nossa posição, convém estabelecer uma perspectiva histórica sôbre o assunto.

A palavra "ecumenismo" não é um vocábulo nôvo na história do Cristianismo, mas sim para os batistas da nossa geração. Rara-

¹Ata da reunião da Comissão Executiva da Aliança Batista Mundial realizada no Colégio Batista de Stabeck, Oslo, Noruega em 20-22 de agosto de 1962, p. 15.

mente aparece na literatura batista durante os séculos precedentes ao nosso. Poucas vezes aparece nos escritos dos anabatistas do século dezesseis. Do apêlo de Lutero para um concílio ecumênico em Leipzig em 1519 até a Conferência Missionária Internacional em Edimburgo em 1910, os protestantes praticamente abandonaram o termo. A Igreja Católica Romana continuava convocando concílios que denominava “ecumênicos”, mas nem Roma preocupava-se com tais concílios durante quase cem anos antes de 1961. Portanto, o interesse ecumênico, que é um dos fenômenos do Cristianismo atual, foi criado recentemente.

A palavra “ecumênico” (*oikoumene*) quer dizer “o mundo inteiro habitado.” Refere-se ao mundo no sentido dos seus habitantes.² Roma aproveitou o termo para denominar os seus concílios eclesiásticos desde o Concílio de Nicéia (325 D.C.). Assim a palavra para Roma refere-se “a Igreja inteira.” Desde 1910 a palavra tem sido usada para descrever o movimento protestante iniciado na Conferência Missionária Internacional em Edimburgo que visa a união dos cristãos. Assim, o Conselho Mundial de Igrejas e as organizações a êle filiadas herdaram um termo ao qual deram uma nova conotação.

Devemos observar que a Igreja Romana não pensa a mesma coisa que muitos protestantes pensam quando usam o termo “ecumênico.” Muitos pensam que o Papa João XXIII dera o pri-

meiro passo para a aproximação mais feliz com os protestantes e outros cristãos fora da Igreja de Roma quando começou a falar num Concílio Ecumênico. Não há dúvida que o Papa, que tinha uma formação cosmopolita por ter servido a Igreja em muitos lugares com bastante habilidade diplomática, propositadamente queria deixar tal impressão com os não Católicos. Isto é evidente no uso de frases cuidadosamente escolhidas por êle como “irmãos separados.” Para o Católico Romano os termos “católico” e “ecumênico” são sinônimos. Portanto, quando Roma é mais agressiva no seu desempenho missionário, ela é mais “católica,” isto é, mais “ecumênica.” Muitos acham que o Segundo Concílio Vaticano era mais um passo na concretização do ideal de formar uma Igreja Universal que seria composta das igrejas Anglicana, Ortodoxa, Protestante e outras fora dessas Igrejas e a Igreja Romana. Porém, a Igreja Católica sempre tem condenado movimentos dessa natureza.³ Para ela o ideal do ecumenismo é de tornar o cristianismo mais Católico, trazendo os “dissidentes (irmãos separados) batizados para a unidade do Corpo de Cristo, que envolve sua aceitação da fé e comunhão da Sé de Pedro e da Igreja Católica...”⁴ O Papa João XXIII declarou isto quando esboçou a finalidade do Concílio na encíclica, *Ad Petri Cathedram* em 29 de junho de 1959:

²Arndt, William F. e Gingrich, F. Wilbur, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, p. 564.

³Hanahoe, Edward Francis. *Catholic Ecumenism*, Washington: The Catholic University Press, 1953, p. 52.

⁴*Ibid.*, p. 52.

“Haverá um rebanho e um pastor” (João 10:16). Esta segurança irresistível foi o motivo que nos coagiu para anunciar públicamente nossa resolução de convocar um Concílio Ecumênico. Bispos virão conjuntamente de todos os cantos do mundo para discutir assuntos religiosos importantes. Mas os tópicos de maior expressão serão aqueles que tratam da expansão da fé católica, o reavivamento dos padrões cristãos da moralidade e da atualização da disciplina eclesiástica para atender as necessidades e condições dos nossos dias. Isto em si há de fornecer um exemplo marcante da verdade, unidade e amor. Que aqueles que estão separados da Sé Apostólica, ao contemplarem a manifestação da unidade, derivem dela a inspiração para buscar aquela unidade pela qual Jesus Cristo orou tão ardentemente ao seu Pai Celestial.”⁵

Verifica-se, então, que Roma, quando fala em ecumenismo, entende nada mais do que a expansão do seu domínio no mundo e a volta para a Igreja Mãe dos “irmãos separados.” Portanto, nós os batistas, para compreendermos a linguagem da Igreja Romana, temos que permitir que ela mesma dê a interpretação daquilo que fala. Assim, entendemos que o “ecumenismo” inclui todos os movimentos e organizações que procuram promover a união do cristianismo e que a Igreja Católica Romana entende que essa união

seja sob sua égide. Conseqüentemente, o termo para nós inclui o Conselho Mundial de Igrejas tanto como outras organizações semelhantes: O Concílio Vaticano II, Confederações Evangélicas, e as organizações inspiradas e lideradas pelos grupos Fundamentalistas. A fusão de denominações como a Igreja Unida do Canadá e a Igreja do Sul da Índia é, também, incluída. No entanto, devemos anotar que durante os últimos anos o espírito ecumênico tem sido incorporado principalmente no Conselho Mundial de Igrejas e nas igrejas a ele filiadas. Convém, agora, observar qual a atitude dos batistas diante do desafio apresentado pelo ecumenismo.

OS BATISTAS DIANTE DOS MOVIMENTOS ECUMÊNICOS

Uma ligeira pincelada revela que os batistas reagem de maneiras variadas diante deste desafio, como fazem exercendo a sua democracia em face de qualquer outro assunto. Alguns filiam-se a tais movimentos, outros filiam-se a outros grupos concorrentes, enquanto outros isolam-se de todo e qualquer grupo que visa a união orgânica de denominações cristãs. É difícil para aqueles que estão fora das tradições das igrejas livres compreenderem esse padrão diversificado da atuação dos batistas em tais circunstâncias. Entende-se esse padrão confuso somente na medida que se entende o individualismo batista, sua política congregacional, suas ênfases variadas das doutrinas, sua formação teológica, cultural e educacional, e sua tendência conservadora que se manifesta de vez em quando em certo liberalismo surpreen-

⁵Küng, Hans. *The Council, Reform and Reunion*. Traduzido por Ceely Hastings, New York: Sheed & Ward, 1961, pp. ix-x.

dente. Não há possibilidade, portanto, de uma generalização sobre a relação dos batistas e o movimento ecumênico.

Os Batistas dentro do Conselho Mundial de Igrejas

De todos os batistas, os da Inglaterra têm demonstrado o espírito mais ecumênico. Em sua primitiva história, sendo pouco distinguidos dos anabatistas por um lado e dos congregacionais por outro lado, os batistas ingleses alimentaram o espírito de comunhão e cooperação interdenominacional. A geração presente deles está sofrendo o prejuízo do declínio espiritual geral do país revelado na falta de vitalidade, convicção e fervor evangelístico. Num ambiente assim é fácil pensar na união com outros para apresentar uma força mais atraente. Também, a eclesologia está sofrendo uma modificação. Muitas funções das igrejas locais estão sendo executadas pela União Batista da Grã-Betanha. De fato, muitos batistas ingleses têm referido a União Batista como sendo "A Igreja Batista."⁶ Entende-se a razão do movimento ecumênico de ser atraente àqueles cujos recursos espirituais não evidenciam vitalidade em face do colapso teológico do século vinte.

A União Batista da Escócia e do País de Gales aceitaram o convite de participarem do Conselho Mundial de Igrejas. Contudo, havendo forte oposição, a União Batista só conseguiu maioria em favor do cristianismo ecumênico por um voto. Subseqüentemente,

ambos retiraram-se do Conselho Mundial. A União Batista da Irlanda nunca filiou-se ao Conselho.

Dos Batistas do continente Europeu apenas três grupos das vinte e três entidades nacionais participam do Conselho Mundial de Igrejas: Dinamarca, Países Nórdicos e Hungria. Os da Suécia, Checoslováquia, Polônia e Rumênia pertencem ao conselho nacional dos seus próprios países.

Nos Estados Unidos o grupo predominante de batistas filiados ao Conselho Mundial de Igrejas é a Convenção Batista Americana. Há três fatores principais que levam os irmãos desta Convenção ao Conselho. O primeiro foi a imigração dos Europeus para os Estados Unidos. Levaram para o nôvo mundo a cultura e a religião do velho. Em pouco tempo suas idéias liberais conquistaram a vida política, educacional e também religiosa da comunidade.⁷ O segundo fator foi o liberalismo teológico que varria a zona norte dos Estados Unidos no fim do século passado. As igrejas batistas começaram a sofrer o impacto do liberalismo durante a segunda década deste século quando os seus seminários tornaram-se adeptos da nova teologia. O terceiro fator foi a máquina organizacional da denominação. Os crentes batistas preferiram a organização de sociedades desligadas das igrejas, por desconfiar que uma organização de cúpula eclesiástica viesse a impor-se na igreja local. Acharam que o "método-sociedade" dava mais liberdade à igreja sem nenhuma

⁶Payne, Ernest A. *The Fellowship of Believers*, Londres: The Kingsgate Press, 1944, pp. 80-84.

⁷Estep, William R. *Baptist and Christian Unity*, Nashville: Broadman Press, 1966, p. 136.

interferência de fora. O resultado foi que as igrejas, por não terem representantes nas sociedades, perderam contato eclesástico com elas. Quando organizou-se a Convenção, era pouco mais do que uma federação de sociedades autônomas, compostas de interessados e sobre as quais a denominação não tinha controle.⁸ Assim ficou aberta a porta para que cada sociedade seguisse o caminho interdenominacional.

É preciso observar que a convenção do norte filiou-se ao Conselho Federal de Igrejas que mais tarde foi dissolvido para dar lugar ao Conselho Nacional. Em 1933 os ultrafundamentalistas da Convenção não concordando com a filiação ao Conselho Federal, saíram da Convenção e organizaram a Associação Geral dos Batistas Regulares. Porém, muitos permaneceram dentro da Convenção para continuar exercer influência contra a filiação. Depois de vários anos de luta, a Convenção votou em 1948 continuar a participação nos movimentos ecumênicos, mas enfatizaram o fato que não havia nenhum interesse em união orgânica de Igrejas.⁹ Esta resolução ajudou na concretização da saída da Convenção de um grupo que era contra esta medida. Eles formaram a Associação Batista Conservadora.

É evidente que a maioria da Convenção Batista Americana não tem interesse em união orgânica, e,

⁸Baker, Robert Andrew. *Relations Between Northern and Southern Baptists*. Forth Worth: Seminary Hill Press, 1948, pp. 88 e segs.

⁹Anual da Convenção Batista do Norte, 1948, pp. 66-67.

ao mesmo tempo, acham que sua filiação às organizações ecumênicas não prejudica seu testemunho batista.

Há duas convenções batistas de negros filiadas ao Conselho Mundial de Igrejas. Desde o seu início, a Convenção Batista Nacional da América, com aproximadamente 2.700.000 membros é filiada ao Conselho. A Convenção Batista Nacional, U.S.A., composta de mais de 5.000.000 membros, filiou-se recentemente. A pequena Conferência Geral dos Batistas do Sétimo Dia é, também, membro do Conselho Mundial de Igrejas. Ela tem apenas 6.000 membros.

No restante do mundo batista as convenções da Birmânia, Nova Zelândia e do Camerões são membros do Conselho Mundial. Numéricamente, há aproximadamente 9.500.000 batistas filiados às organizações ecumênicas. Isto em si mesmo, não representa todo interesse de cada grupo, pois alguns desses grupos não são ativos no movimento, enquanto outros que não são membros, como os batistas da Austrália, do Canadá e da Convenção do Sul, têm no seu meio alguns que tem grande interesse no movimento ecumênico.

Os Batistas fora do Conselho Mundial de Igrejas

Dos vinte e seis milhões de batistas no mundo, dois terços pertencem a grupos que não são filiados às organizações ecumênicas. Todos os grupos batistas da América Latina permanecem fora do Conselho Mundial de Igrejas. O maior grupo deles é a Convenção Batista Brasileira com aproximadamente 300.000 membros. Vinte grupos dos vinte e sete da Europa não participam do Conselho. Há

mais de 500.000 batistas na Rússia e 100.000 na Alemanha que não são filiados. Os do Canadá, da Austrália, e quase todos da Ásia não se relacionam com o Conselho.

Dentro dos Estados Unidos a crescente Associação Batista Conservadora com 300.000 membros não é filiada ao Conselho Nacional nem ao Mundial de Igrejas. A Associação Batista Americana tem 719.100 membros e a Convenção Batista Nacional Progressiva com 505.000. Esses três grupos são os mais numerosos de vários pequenos grupos que têm um total de mais de 3.000.000 de membros. O espírito que os leva a se oporem ao Conselho Mundial de Igrejas é motivado geralmente pelo amor à independência, conservantismo, espírito de auto-suficiência, eclesiologia estrita, teologia fundamentalista, ou uma combinação de vários fatores.

O fundamentalismo expressa seu próprio espírito ecumênico dentro da estrutura de um número de organizações diferentes. A menor e ao mesmo tempo a mais vociferante delas é o Conselho Americano de Igrejas Cristãs organizado em 1941. O movimento internacional é chamado o Conselho Internacional de Igrejas Cristãs. A figura e líder principal do movimento é Carl McIntire. A tática do movimento é revelada na sua demonstração contra a Aliança Batista Mundial reunida em Miami Beach, Florida em 1965. Os fundamentalistas raciocinam que se a Rússia é uma nação comunista e atesta, os batistas russos também devem ser comunistas. Os que protestavam contra os russos carregavam placas que diziam coisas como estas: A Igreja

Batista da Rússia não é verdadeiramente Cristã," e "Igreja Batista da Rússia é controlada pelos Comunistas." Carl Mc Intire também denuncia Billy Graham e Martim Luther King. Muitos acham que tal conduta irresponsável prejudica a causa fundamentalista. A organização internacional conta atualmente mais ou menos com 1.000.000 membros filiados. Os maiores participantes são a Associação Batista Americana e a Associação Batista Geral de Igrejas Batistas Regulares com 154.767 membros. É evidente que é sustentado quase inteiramente por Batistas.

A Associação Nacional de Evangélicos tem um contexto teológico semelhante aos grupos do Conselho Americano de Igrejas Cristãs mas com espírito muito diferente.¹⁰ Revela grande interesse no evangelismo, missões, e liberdade religiosa. Como os outros conselhos, surgiu como reação ao modernismo que caracterizava o Conselho Mundial de Igrejas. Organizou-se em 1942 com a participação de cinquenta denominações evangélicas com um potencial de 15.000.000 de membros. É uma voz que representa uma teologia conservadora e a separação completa do estado e igreja. Suas ações contra a perseguição dos evangélicos em países como Itália, Colômbia e Espanha são elogiáveis. Uma organização de escala mundial foi constituída em 1950, e é chamada a Comunhão Evangélica Mundial (World Evangelical Fellowship). Dos dez milhões ou mais adeptos da Associação Nacional de Evan-

¹⁰Ver artigo neste número da "Teológica" por Dr. Russell Shedd intitulado "O Ecumenismo Fundamentalista."

géticos, mais de uma metade são batistas. Entre eles estão a Associação Batista Conservadora, a Conferência Geral dos Batistas, e muitos simpatizantes da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, entre os quais um ex-presidente daquela Convenção, o Dr. R. G. Lee, pastor muito conhecido no Tennessee.

A Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos recusa fazer-se participante em qualquer organização ecumênica. Ela não é filiada nem ao Conselho Mundial de Igrejas, nem a Associação Nacional de Evangélicos. Algumas igrejas são filiadas aos conselhos locais e algumas das agências e organizações da Convenção são relacionadas ao trabalho do Conselho Nacional. A Junta de Missões Estrangeiras (Junta de Richmond) participou da Conferência de Missões Estrangeiras da América do Norte de 1893 a 1950. Retirou-se quando a Conferência expressou seu desejo de filiar-se ao Conselho Nacional de Igrejas. Contudo, a Convenção, em assembléia tem recusado consistentemente qualquer iniciativa que resulte em alianças comprometedoras com outros grupos religiosos. Razões dadas por esta atitude são o medo de trair a sua autonomia, o senso de destino dos batistas que não os permite em prejudicar o seu testemunho e mensagem ao mundo, a confiança nos métodos conhecidos e experimentados pelos batistas na evangelização do mundo, a rejeição da idéia que as divisões denominacionais são pecaminosas *per se*, a impossibilidade da Convenção em assembléia de compreender as igrejas batistas, sendo que ela não tem autoridade ecle-

siástica, etc. Verifica-se, então, que por razões teológicas, e pragmáticas, a Convenção do Sul recusa crer que a resposta aos males da humanidade está em convenções e alianças ecumênicas.

Apesar do fato que a maioria dos batistas associados à Aliança Batista Mundial não estarem ligados ao Conselho Mundial de Igrejas os não ecumênicos da Aliança se encontram em dificuldades com os que participam do Conselho. Os laços que unem os batistas na Aliança às vezes chega ao ponto de se rebentarem. Graças a compreensão esplêndida dos seus líderes e representantes da Aliança Batista Mundial, os batistas aprenderam caminhar juntos, respeitando as divergências dos seus irmãos, para que pudessem apresentar uma voz unida contra a perseguição de qualquer grupo religioso e promover a liberdade religiosa. Durante o Congresso da Aliança Batista Mundial de 1911, o Presidente, Dr. John Clifford, da Inglaterra, expressou o sentimento dos batistas quando, depois de apelar por compreensão mais profunda e cooperação entre todos os cristãos, disse: "Mas com a mesma franqueza afirmamos que união visível, formal, e mecânica não é atraente para nós. Essa não é a união pela qual Jesus orou... União de vida, amor, e de idéias e ideais governantes, queremos, sim, mas união de "ordem" de "máquina" ou de "credo," não se harmoniza com a "unidade em diversidade" nem na natureza nem na graça."¹¹

¹¹The Baptist World Alliance, Second Congress, 1911, pg. 62-63.

Ajuda às Igrejas

A CRUZADA BRASILEIRA DE LITERATURA com 5 anos de atividades no Brasil, está a disposição das Igrejas Evangélicas do Brasil para fornecimento de folhetos gratuitamente.

— **FINALIDADE** — Colocar folhetos evangelísticos em todos os lares do Brasil, literalmente, por intermédio das Igrejas, dentro de um plano mundial de evangelização.

— **FOLHA DE SERVIÇO** — A C.B.L. já forneceu às Igrejas gratuitamente até 30/10/68.

— 34 milhões de folhetos.

— 2.700 distribuidores cooperando em todo Brasil.

— 28 mil cartões de decisão já registrados.

— 12 mil crentes orando diariamente.

— 14 mil inscritos no Curso Bíblico.

Sua IGREJA pode nos consultar nos seguintes endereços:

— **Pr. Josias Soares Ribeiro**
Diretor Nacional
Caixa Postal, 187 — SP - São Paulo

— **Pr. Eliézer Pereira de Barros**
Diretor Regional Norte
Caixa Postal, 78 — Belém - Pará

— **Pr. Renato C. Corrêia da Silva**
Diretor Regional Nordeste
Caixa Postal, 2.611 — Recife
- Pernambuco

— **Pr. Geraldo Camargo**
Diretor Regional Centro-Leste
Anápolis - Goiás

Estamos a disposição para visitar sua Igreja e orientar uma campanha de saturação de sua cidade em qualquer ponto do Brasil. Rogamos que orem por nós!

DIRETOR NACIONAL

Devemos observar que durante sua história têm havido propostas para que a Aliança filie-se ao Conselho Mundial de Igrejas. Últimamente, contudo, especialmente a partir do Congresso reunido em Rio de Janeiro em 1960, a Aliança está com os olhos voltados para a tarefa de evangelização mundial. Dr. Estep observa que “a eleição do Dr. João Soren do Brasil à presidência da Aliança marcou o término da era em que a influência dos batistas ingleses era predominante. Subseqüentemente, a Aliança tornou-se menos inglesa e mais cosmopolitana na sua estrutura. Sem dúvida, esta tendência há de aumentar antes que diminuir.”¹²

PRINCÍPIOS QUE AFASTAM OS BATISTAS DOS MOVIMENTOS ECUMÊNICOS

Em certo sentido os batistas seguem uma orientação ecumênica. Há lugar em nossa eclesiologia para a Igreja Universal. Cremos que o Corpo de Cristo é composto de todos os redimidos. Aceitamos o fato que aqueles que divergem de nós quanto ao conceito da Igreja, seu ministério, suas ordenanças e seu objetivo no mundo, podem ser, ao mesmo tempo, participantes da Igreja Universal. Contudo, essa Igreja, apesar de ser universal, jamais pode ser identificada inteira e exclusivamente por qualquer entidade visível. Através da sua história os batistas têm sofrido a perseguição das mãos de Igrejas estabelecidas que adotam medidas coercivas. Não é de se estranhar, então, que nós os

¹²Estep, *ibid.*, p. 166.

batistas observamos as crescentes estruturas ecumênicas com bastante reserva. Os batistas mais esclarecidos reconhecem os princípios relevantes que servem de barreiras, afastando-se de qualquer relação direta com as organizações ecumênicas contemporâneas.

Os Princípios Teológicos

São poucos os batistas que estão prontos a rejeitar o conteúdo do Credo Apostólico. Contudo, não há batista dentro da tradição batista que esteja disposto a adotar o credo como Confissão de Fé. Credos são feitos pelos homens e são apenas aproximações à verdade. Não é possível aplicá-los como medidas coercivas. É muito fácil que eles substituam o lugar de Cristo na vida do crente e da igreja. A fidelidade a Jesus como Senhor leva o batista apresentar-se aparentemente, as vezes como obstinado, estreito e isolacionista. O senhorio de Jesus Cristo leva o discípulo verdadeiro (quando Ele mandar) a não fazer indagação, mas obedecer.

O sacerdócio do crente é outro princípio que clama a atenção do batista. cremos que o crente individual é competente em saber a verdade do Senhor. É claro que aquela vontade tem que enquadrar-se dentro dos limites apresentados na Bíblia. A tradição, credos, dogmas, doutrinas, entidades eclesiásticas, comportamento, etc., são julgados pelos ensinamentos bíblicos.

Por essa razão a autoridade suprema para o batista é a Escritura Sagrada. Isto não significa que Ela substitue Cristo. Pelo contrário, é o único testemunho

autêntico da revelação de Deus em Cristo. cremos que tal revelação foi um evento histórico, assim, sujeito ao registro. Esse registro, dizem os batistas, nós o temos no relato escrito que é o Novo Testamento. É natural que os batistas fiquem perturbados quando há tentativa de substituir o Novo Testamento por outra autoridade em questões de fé e moral, seja Papa, Igreja, Bispo, Padre, Pastor, Credo, alguma estrutura eclesiástica. Infelizmente, o movimento ecumênico não tem dado às Escrituras a prioridade que os batistas desejam. Por isso, sentimo-nos inquietos diante daqueles que possuem um conceito inferior da Bíblia.

Enquanto reconhecemos o conceito de uma Igreja Universal no Novo Testamento, também reconhecemos que a ênfase está na igreja local. Para nós, uma determinada igreja é composta de homens regenerados que professam publicamente sua fé em Cristo e O seguem no batismo. Rejeitamos o erro de contar entre os redimidos os infantis e populações inteiras de um determinado local ou país. Isto viola as consciências do recém-nascido e perpetua um cristianismo decadente. A graça de Deus não pode ser imposta automaticamente pelo uso da fórmula trinitária ou observância de sacramentos (que nós preferimos chamar ordenanças) ou por exposições de mágica divina em que a graça de Deus é *ex opere operato*.

Nós os batistas ficamos assustados com a reportagem da IV Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas reunida recentemente em Upsália que disse: "Anterior-

mente, os antiecumenistas (principalmente os chamados fundamentalistas) cognominaram o Conselho Mundial de Igrejas de uma moderna torre de Babel, formada de religiões e seitas interessadas em voltar ao convívio da Igreja Católica. Hoje, o aspecto doutrinário foi colocado totalmente de lado e as delegações do Vaticano, da Igreja Ortodoxa Russa e Grega, bem como de todo os ramos do Protestantismo, estão usando uma só linguagem (embora em várias línguas) para expressar a ansiedade de toda uma raça que marcha, dia dia, para o caos para a destruição.”¹³ Cremos como batistas que colocar “o aspecto doutrinário... de lado” é preço demasiadamente caro para conseguir apenas uma união artificial. Conseqüentemente, os batistas acham muito difícil manter a integridade doutrinária dentro de uma organização que têm conceitos teológicos vastamente divergentes.

Princípios Eclesiológicos

Sempre que as assembléias do Conselho Mundial observam a Ceia do Senhor, cria-se problemas para os batistas dentro do Conselho. Seria hipócrita um batista participar da oração que precede a cerimônia pedindo perdão pelo pecado de cisma. A maioria dos batistas não acha que as divisões denominacionais é pecado *per se*. Aliás, há momentos em que o pecado jáz à porta daqueles que recusam separar-se. Condenar

¹³*Estado de São Paulo*, (“Igreja Termina Reunião”, por Manoel Gomes dos Santos,) Domingo 21 de julho de 1968, p. 8 do segundo caderno.

os batistas por serem batistas simplesmente porque recusam conformar-se a um certo “padrão ecumênico” ao nosso ver é presunção. Soa estranhamente como a voz da Igreja Estabelecida. Contrariar a consciência por amor a união é para nós, como para Lutero, uma impossibilidade.

Também, a estrutura denominacional dos batistas, especialmente os da Convenção Batista Brasileira, apresenta um problema técnico que evita a participação das nossas igrejas no Conselho Mundial. Os Conselhos ecumênicos são compostos de denominações filiadas. Nem aceitam filiação de igrejas locais. Portanto, não há qualquer autoridade central, nem tão pouco a assembléia Convencional, que pode entregar as igrejas batistas brasileiras ao Conselho Mundial ou à outra autoridade eclesiástica. O órgão soberano em matéria eclesiástica para nós é a igreja local. Assim, nos afastamos de qualquer movimento que nós julgamos vir ameaçar a autoridade e autonomia da igreja local. Não há lugar em nossa eclesiologia para uma hierarquia eclesiástica superior às igrejas. Não existe tal união orgânica nem entre nós; certamente, não procuramos essa união com os outros.

Além do mais, não aceitamos a teoria que a consolidação de todos os grupos eclesiásticos em um só grupo vai irradiar as nossas divergências. São profundas demais para serem sanadas com tais tentativas superficiais. A história já provou que tais uniões não trazem reavivamento espiritual, vitalidade e vitória. Os ecumenistas argumentam que o esforço de duas igrejas unidas produz mais do que

quando trabalham separadamente. Porém, como observa Dr. Wayne Dehoney, ex-presidente da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos, nem sempre dois mais dois são cinco, como acham os ecumenistas. Frequentemente dois mais dois dão três, e, nem quatro, quando aplicado à unificação das igrejas!

Princípios de Metodologia

Se não houvesse os problemas teológicos e eclesiológicos que proíbem a entrada dos Batistas no Conselho Mundial, ainda permaneceriam os problemas práticos. O que deu luz ao movimento ecumênico moderno foi a evangelização mundial. Missionários de persuasão ecumênica chegaram a conclusão que o seu testemunho seria grandemente fortalecido nas sociedades pagãs se não fosse as divisões denominacionais.¹⁴ Lamentavelmente, na prática, o resultado não tem justificado o esforço. Os grupos filiados ao Conselho Nacional dos Estados Unidos experimentaram um declínio em termos de números de missionários enviados enquanto os não filiados experimentaram um crescimento. Duas vezes mais missionários são enviados pelos grupos não filiados do que pelos filiados.

É de se notar, também, que os homens não são ganhos para Jesus por apresentações, passeatas e resoluções de Conselhos ou Concílios. São ganhos um por um pela palavra e vida fiel dos indivíduos

que conhecem e servem o Senhor. Nós não concordamos com o documento aprovado pela recente assembléia em Upsália que fala da missão da Igreja sem mencionar a sua tarefa principal que é evangelizar o mundo para salvação de almas perdidas. Os batistas crêem que até hoje nada substitue a atuação do Espírito Santo nos corações transformados e nas igrejas que são os veículos ordenados por Jesus para salvar as almas imortais e transformar a natureza dos homens para que possa reinar justiça no mundo.

Há dois pontos mais em que os batistas têm grandes dificuldades em apoiar o movimento ecumênico. Infelizmente, o Conselho Mundial não resiste a tentação de falar em nome dos seus componentes sobre assuntos políticos e econômicos. Porém, ele nunca se defendeu quanto à separação da Igreja e Estado. Suas resoluções quanto à liberdade religiosa são apreciadas mas não são satisfatórias aos batistas.

Também, os batistas não podem ser partidários a "comity agreements." Reservando certa população para um denominação particular, achamos nós, violá a liberdade do indivíduo em escolher sua igreja. Também, suprime a possibilidade de um ministério espiritual adequado em muitos lugares. O processo deixa de ser realístico se não desonesto quando o movimento ecumênico reconhece como cristã uma área em que 85 por cento dos adeptos da Igreja ignora a Igreja e normas cristãs na sua vida e ao mesmo tempo espera que os batistas os reconheçam como cristãos e discípulos de Jesus.

¹⁴Ver *Ecumenical Foundations*, por William Richey Hogg, pp. 1-14, Harper & Brother, N.Y., 1952.

CONCLUSÃO

Batistas não crêem que o movimento ecumênico promovido pelo Conselho Mundial de Igrejas e outros conselhos semelhantes resultará na união pela qual Jesus orou em João 17. Confessamos francamente que temos dúvidas quanto à finalidade de tais movimentos. Apesar de alguns líderes ecumênicos como Visser't Hooft declararem que o propósito do movimento não é de edificar uma "super-Igreja", há tendências nesta direção e advogados desta idéia que influenciam grandemente o Conselho Mundial de Igrejas. O batista não há de volta para a época anterior a Reforma quando o homem estava prêso entre a Igreja e o Estado. Não queremos uma "super-Igreja" como não queremos um "super-Estado".

Por outro lado, o batista não está desinteressado naquilo que passa ao seu redor. Nós estamos dispostos a colaborar com todos no desempenho de promover o espírito de cooperação e amor fra-

ternal mas não a união orgânica. Cremos que a união pela qual Cristo orou é uma dádiva do Espírito Santo que manifestar-se-á no mundo na medida que os homens experimentarem a reconciliação com Deus em Cristo. É somente em Cristo que podemos esperar união cristã. A Igreja Universal não é uma instituição visível, mas os redimidos de toda denominação, raça e nação. Ela não pode ser dividida, destruída ou vencida. A Igreja Universal é uma realidade onde quer que andem os redimidos.

Os batistas aborrecem união forçada ou superficial, mas estendem a mão fraternal para cooperar com todos aqueles que têm comunhão com Cristo. Cremos que a união Cristã se manifeste principalmente em expressões de comunhão genuinamente cristã. Ter comunhão com todos em Cristo ao mesmo tempo respeitar as convicções que caracterizam o discipulado humano são para os batistas qualidades inseparáveis.

CASA PUBLICADORA BATISTA

JUNTA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E PUBLICAÇÕES — JERP

A maior Editôra Evangélica e a mais completa Rêde Distribuidora da América Latina.

Sempre na finalidade e propósito de bem servir às igrejas, às instituições e ao evangelismo em geral.

Tudo de útil e do melhor nesse sentido, para pronto e satisfatório atendimento aos que a distinguem com sua nobre preferência.

Muito grata será sua visita à

CASA PUBLICADORA BATISTA

Filial de São Paulo

Av. São João, 820 — Fone 34-2784

SÃO PAULO - SP